



VINDE A NÓS AS CRIANCINHAS... A IRRACIONALIDADE DA EDUCAÇÃO

Maria Helena de Amorim Wesley

A vocação do Brasil para ser potência mundial, sempre sob a égide na defesa da vida e nas tradições do povo brasileiro, vem sendo sacudida por uma onda de violência como nunca antes na história... A cantilena televisiva diária é a mesma em todos os Estados, institucionalizando o tráfico de drogas, a matança desenfreada, perpetrando reportagens em todo o Brasil, as mais indignantes e incisivas efígies de sofrimento, de morte e de desaparecimento de pessoas jogadas ao desamparo pelos *direitos humanos* que protege bandido e impede a polícia de subir os degraus das favelas; mostra, também, a exigência daqueles para com os moradores e transeuntes sem que nem uma autoridade mexa um dedo.

Desde a Presidente da República, o Ministro da Defesa e demais ministros, os Comandantes das 3 Forças Armadas, senadores, governadores e até vereadores, seguem impassíveis suas atividades e *nigrinhagens* políticas ignorando a expansão da guerra civil dentro de nossas fronteiras. A sociedade abalada e esgarçada pelo desmonte da Democracia e do Estado de Direito, fragilizou as forças de defesa (indústria, comércio, cultura, diplomacia, economia, ciência e tecnologia) e a complexidade dramática desse cenário nacional despontou no início da última década do século XX, quando do desmonte do sistema educacional e aponta para a capitulação.

Nesta comunicação, buscar-se-á pinçar algumas falácias sobre o atual Sistema de Educação, imposto arbitrariamente por políticos que se locupletam em delimitar os processos de ensino. Alvo de políticas e ideologias cujo comum objetivo é a assimilação progressiva das gerações em construção, nas últimas duas décadas, essa situação vem sendo alterada, pelo menos do ponto de vista legal, com a adoção em vários países, inclusive no Brasil, de Constituições nacionais que rompem com as tradicionais metas educacionais e buscam impor novas fórmulas de comportamentos sociais e apagamento da pluralidade étnica de sua população.

Vários estudiosos salientaram o papel crucial dos professores e cientistas para a definição e manutenção da sociedade e da cultura. Os exemplos históricos mostram que as disputas entre ideologia e política educacional compõem uma teia complexa de relações de alianças e guerras que foram decisivas para assegurar o domínio.

A crescente interferência na vida pessoal do cidadão brasileiro alude à absoluta ociosidade e incompetência de incontáveis burocratas e tecnocratas que crêem deter certezas sobre tudo o que ajuízam ser de sua alçada e cujas *técnicas* emanadas pela ciência devem sobrepor os valores individuais, apregoando, assim, a arrogância, o autoritarismo e a condescendência enfarçada da estupidez e acanhamento de horizontes visíveis no

estabelecimento de normas que vão desde como comprar medicamentos até a obrigatoriedade de tomadas ou equipamentos nos veículos.

Com a vigência da lei da palmada, em breve pais e mães denunciados serão colocados na cadeia pelo Estado e os filhos encaminhados a guarda competente, afetuosa e científica de instituições análogas a FUNABEM.

Após o combate ao tabagismo e ao álcool, já se avizinham regras para o que se deve e pode comer, conforme já ocorre nas cantinas e lanchonetes escolares e por certo esses educadores se empenharão cada vez mais para enquadrar e punir o pai com a perda do pátrio poder caso que dê uma guloseima a seu filho.

A censura a livros nas escolas se mantém através de *técnicos em leitura literária*, encarregados de supervisionar os padrões estabelecidos como verdade científica¹.

No processo de deformação do Brasil como Estado-nação, a educação brasileira destaca o papel de dois grandes grupos – o negro e o índio – considerados decisivos na definição da meta para a igualdade social.

A consolidação do sistema de cotas que resulta em um processo de apartheid às avessas se caracteriza pela discriminação crescente, não só racial, mas, também, comportamental, excluindo brancos e heterossexuais, além de retirar ou esvaziar da família a competência e a responsabilidade de modelo-célula da sociedade e em breve teremos cotas para homossexuais. Recentemente se teve informação de que a Universidade Federal de Alagoas está buscando estabelecer cotas para mulheres. As consequências são imprevisíveis se considerarmos a precariedade da situação dos homens na sociedade futura.

Embora se continue a considerar o período militar como período negativo no processo histórico “democrático” do Estado Brasileiro não há como omitir que esse também contou, de modo decisivo, com a qualificação ativa de docentes e cientistas ainda presentes nas instituições de ensino sob sua tutela. À sombra da nação, os colégios militares mantêm um papel fundamental para a formação dos jovens, apesar das arbitrariedades que vêm sendo impostas para a adoção do Novo Modelo de ensino, que se expandem e se consolidam graças às alianças político-ideológicas necessárias para garantir as posses de disputas partidárias, justificando as chamadas “reformas,” onde os docentes e discentes são pensados como elementos de fortalecimento da autoridade política, produtos da modernização, vassalos do Governo e defensores ideológicos.

Cabe lembrar que a política educacional brasileira do período militar até meados de 1995 continuou atuando para a construção política e simbólica da nação, exercendo um papel geopolítico fundamental, garantindo oficialmente em todas as regiões do território nacional, aos que eram vistos como vivendo à margem da civilização, uma relativa incorporação, pela educação e pelo trabalho, à comunhão nacional. Essa incorporação, *feita in loco*, mantendo índios, ribeirinhos, caboclos e trabalhadores rurais nas regiões onde se encontravam, povoando os sertões e guardando as fronteiras.

Desse modo, nacionalizar os índios era fortalecer as fronteiras e assegurar o controle sobre os territórios mais isolados da Nação. As duas

¹ A censura dos escritos de Monteiro Lobato não desapareceu. O Autor só pode ser lido, sob a supervisão de um professor com qualificações específicas.

propostas caminhavam juntas e, de certa forma, continuavam, com uma nova roupagem, as políticas coloniais que mantiveram e legaram o atual território.

As incertezas que ora atravessam as instituições de ensino resultam das políticas, das reformas e do atual modelo de referência e deságuam na erosão do tecido social e político subjacente no modelo econômico, onde a dívida interna garantiu o espetáculo oferecido pelos políticos dos maiores partidos e ficou nos grandes bancos que embolsaram o dinheiro público.

A atual sociedade democrática, onde a desonestidade, a injustiça e a nebulosidade campeiam, não há como cada um ser responsável pelos seus erros e menos ainda assumi-los. No esgarçar dessa tessitura já não se vislumbra quem possa dizer quais os erros de cada trabalhador desempregado para ser punido; qual a falha de cada jovem para se sentir culpado, ou os erros de cada idoso aposentado para ser ou se sentir responsável ao ver os seus direitos adquiridos virem a ser anulados.

Quem explicará aos desempregados, aos jovens e aos idosos que foram enganados, e para onde foram os vários milhares de milhões retirados dos bolsos de cada um e depositados em bancos para serem aplicados sem que se tenha a certeza de quem os dilapidou e a favor de quem?

A lógica é a mesma, o comportamento é o mesmo, e já não é uma questão da direita ou da esquerda que está no poder. É uma questão de quem atualmente está no poder. Sendo assim, o que ocorre na realidade é uma crise de valores, uma crise profunda do sistema democrático que está em movimento e à deriva.

A dívida interna que financia e financiou os políticos temporários ficou como herança, mas, o país de todos e que todos constroem, não pode parar, nem a História o permite e sempre se vai para um lado mesmo que não se queira.

Certamente se pode perceber o caminho que está sendo imposto: como um tsunami silencioso, a lógica implacável do neoliberalismo é infundida pela classe política no poder, em nome da modernidade, impelindo o país para um desastre nacional onde provavelmente predominará o desemprego, a violência e a desestruturação social.

Na perplexidade ante o desrespeito crescente com a vida consolidada na transformação do dinheiro na própria riqueza, o homem deixou de ser uma representação dela, extrapolando a sua finalidade de facilitar as trocas comerciais (moeda), onde os valores se perversaram e a ética feneceu diante das metas de sucesso estabelecidas, perceptíveis entre os traficantes de drogas, cujas formas de obterem dinheiro não admitem interferências. São os seus negócios e o defendem com armas.

As corporações transnacionais, visando maiores lucros, e livres de pruridos éticos, não se preocupam com as automações desenfreadas, e desconsideram as conseqüências sociais dos desempregados sem condições de criar sua prole com um mínimo de dignidade².

A reversão desta situação só seria possível através do professor que detém conhecimento e reúne condições de formar opinião, com capacidade

² Ocupam os serviços de concessões de energia, água, transportes, comunicações e, mesmo com isenções de impostos, impõem elevadas tarifas, remetendo prioritariamente, o fluxo de dinheiro produzido para os seus acionistas no exterior. Dominam os meios de comunicação, omitem informações, impedem discussões, contraditórios e formação de opinião.

para atingir as diversas camadas sociais, independente dos veículos de comunicação. Não há como apagar seus pensamentos, idéias e convicções.

Na Europa, as instituições que durante trinta anos animaram o crescimento econômico e que eram a base do Estado-Providência vem sendo minadas e descaracterizadas, quer no nível do trabalho, da saúde, da educação, da segurança social, quer da visão global de sociedade e do seu futuro, tornando os países europeus vítimas da voracidade que os políticos no poder e os grupos financeiros lhes impõem e de que até agora são incapazes de se opor e de saber como deles se defender.

Nesse movimento se inscreve a reforma do ensino superior que torna a universidade lenta e gradualmente destruída, compondo espaços onde se ensina generalidades, desprovidas da capacidade de pensar, transformando-se num deserto de idéias, onde o ato de pensar, refletir, criticar, argumentar, reconstruir, parece apeado da formação universitária, dando a certeza de que o ensino acentuará a contínua redução das despesas públicas no orçamento do Estado numa luta pela compressão do estudo ao tempo mínimo e ao custo mínimo, sem desperdício financeiro.

A reforma atual permitiu que se generalizasse uma forma de ensino que desqualifica o professor, cuja difícil função de apoiar os estudantes na descoberta do mundo que lhes é dado e que lhes cabe refazer, com novas formas de estar e de enfrentar as asperezas, tornam-os despreparados intelectualmente. Não terão como transformar o mundo de modo a que a vida lhes confira sentido e, com este, sejam eles a dar sentido ao mundo que conscientemente desorganizamos.

A facilidade estabelecida pela reforma torna a vida mais fácil para os discentes e não se ensina mais a ler ou a escrever e muito menos a estudar bem. Engana-se o discente dando-lhes uma forma de estar na vida pessoal e profissional que esta não comporta, fornecendo diplomas de não empregabilidade, com o nível de licenciatura etc.

Nos mercados de empregos, a preferência vai além dos detentores dos diplomas de mestrado, o que significa o reconhecimento indireto, mas claro, de que as licenciaturas pouco ou nada valem.

A desqualificação das graduações incapacita mestrados de qualidade, porque só se ensina o que os outros são capazes de aprender, e os estudantes, já deixaram de saber o que é profundidade de ensino e muitos dos cursos de mestrados estão em nível inferior ao da própria licenciatura e com as atuais estruturas são impossíveis à formação de elites pensantes e competentes.

Então para que serve a Universidade? Somente para estabelecer a diferenciação social pelos diplomas, e a diferenciação nestes pelo dinheiro que se possa ter no início, ao nascer? Da licenciatura ao mestrado e do mestrado ao doutorado são mais anos e mais dinheiro gasto para exhibir esse ticket, a fim a galgar mais patamares sociais. E o que o silêncio desta situação reflete? Ou, por outras palavras, o silêncio sobre a sua existência o que representa?

Muitos docentes se aposentam ou abandonam as universidades, vencidos pela incapacidade de aceitar o que se fez delas e sem compreender os objetivos da missão que agora lhe estão subjacentes, recusando o convívio com o regime de simplificação e de mentalidade que lentamente a reforma instalou nas suas vidas e nas próprias subjetividades e sem sequer protestar diante da ausência de respostas para os graves problemas da juventude que

pode ser a geração perdida de amanhã, já aventada pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e o FMI (Fundo Monetário Internacional).

Os discursos políticos que enaltecem os dados ministeriais baseados em levantamentos feitos em escolas e universidades são freqüentemente desmentidos no que se refere à carência de profissionais competentes e qualificados.

Os objetivos do Governo na política de educação se refletem na incapacidade discente em não efetuar operações algébricas simples, e a maioria dos beneficiados desta política chega à universidade pelo sistema de cotas.

As atuais Instituições Governamentais, ao dar as costas para as grandes missões de interesse público, pode estar impondo a destruição de grande parte da juventude.

É palpável a urgência dos dirigentes se munirem de coragem de ter uma visão nacional ambiciosa, para se imunizar das dificuldades atuais, que não são somente financeiras como nos querem fazer crer, mas as que atingem tudo o que é socialmente significativo na sociedade, tomando consciência da necessidade em perceber a dimensão do desastre que se avizinha. Não há dúvidas que não se assiste a uma marolinha.

Rio de Janeiro – 6/05/2013

.....